

A pergunta sobre o sentido da existência humana segundo Juan Alfaro

Por Jorge Ribeiro de Sousa
jorgeribeiroribeiro@gmail.com

1. Introdução

Neste trabalho pretendemos fazer uma análise da questão do sentido e do sentido da questão, assim como também da pergunta sobre o ser e da estrutura metafísica do sujeito humano.

Temos presente que a pergunta sobre o sentido da existência revela a importância do raciocínio filosófico a respeito do conhecimento da mesma pessoa e de Deus. O homem pode conhecer o sentido de sua mesma vida por meio de raciocínios naturais, desde que sejam coerentes e bem fundamentados.

Por que escolhemos Juan Alfaro e essa temática para ser o objeto de estudo do nosso trabalho conclusivo? Porque os textos de Alfaro que analisamos aqui correspondem ao nosso propósito, quer dizer, ele coloca o “perguntar” como ponto de partida e como metodologia para poder se chegar ao centro de todas as questões filosóficas e teológicas: a pergunta que nos guia é a pergunta sobre o sentido da vida.

E ainda porque ao interrogar-se sobre o sentido da existência Alfaro reconhece que esse questionar-se seja o mais amplo e original ponto de partida para se chegar à via da experiência transcendental, isto é, quando a pessoa se pergunta sobre si mesma e o sentido do seu existir ela reconhece a sua incompletude, mas também da sua capacidade de ir além do meramente oferecido e dado. O que Alfaro infere nesses textos coincide com o nosso projeto: que no processo de compreensão das mesmas exigências de sentido que existe dentro de cada pessoa, essa se reconhece, realiza-se como tal e se abre à possibilidade de uma resposta que possa satisfazer a sua busca.

Tudo porque o pensamento de Alfaro, seguindo a matriz do pensamento cristão contemporâneo busca encontrar no pensamento atual o que a grande tradição cristã tem conservado, ou seja, a pergunta pelo sentido da vida. Esse diálogo que acontece ao mesmo tempo com a tradição e com a contemporaneidade permite perceber que colocando a “pergunta última” se pode chegar a outras perguntas que oferecem um valor e um significado à existência.

O que se pretende é chegar à pergunta sobre o sentido da vida como pergunta que leve a pessoa a reconhecer em si mesma a necessidade de se transcender, ou seja, aqui se pretende construir um pensamento que, aprofundando sobre as interrogações mais exigentes e radicais da estrutura humana, possa-se chegar à pergunta sobre a necessidade de um Absoluto, de Deus na vida da pessoa; essa perspectiva quer levar a pessoa a reconhecer que ela é questão para si mesma e que a sua abertura ao Divino seja algo natural, fruto das suas mesmas inquietações e interrogações sinceras sobre o sentido da sua mesma existência.

2. A questão do sentido e o sentido da questão

O nosso autor diz que a pergunta sobre o sentido da existência é necessária para superar as ambiguidades e as imprecisões do mesmo perguntar humano sobre o sentido, pois essa mesma

pergunta começa já da ambiguidade da linguagem, porque o homem fala segundo o seu pensamento¹.

O nosso autor diz não ser casual a palavra “questão” que ele associa a sentido, por isso mesmo ele repete para dar relevo, dado que para ele se trata principalmente de analisar a mesma questão, ou seja, de buscar a sua origem e sua significação, assim como de determinar seu significado e sua formulação².

O texto de Alfaro que nos fazer entender que a questão do homem sobre si mesmo precede a pergunta sobre a validade e os caracteres dessa mesma questão diz:

“La <<cuestión del sentido>> impone por si misma la pregunta ulterior sobre el <<sentido de la cuestión>>. La radicalidad de ese proceso reflexivo es una exigencia legitima del espíritu critico del pensamiento moderno, que pone en cuestión ante todo las cuestiónes mismas, porque en ellas se anticipan ya y se configuran las posibles respuestas”³.

O texto nos quer afirmar que a origem da questão do homem sobre si mesmo está na experiência mais profunda e própria do mesmo homem, a saber, a consciência reflexiva de si mesmo, onde cada pessoa vive indivisivelmente como o “experimentador” e o “experimentado”. Ele diz, portanto, que a reflexão explícita que se percebe na pergunta “quem sou eu?”, surge pela auto-presença da pessoa a si mesma e de nenhuma outra pessoa. Assim sendo, em todo ato de pensar, de decidir e de realizar algo a pessoa se dá conta de sua insubstituível existência pessoal: essa é uma certeza vivencial inegável da própria identidade da pessoa⁴. O nosso autor prossegue afirmando que essa mesma pessoa é chamada a se fazer continuamente, porque nunca realizada completamente em si e, por isso mesmo, essa pessoa se coloca como a própria questão⁵.

O nossa autor ainda coloca em cheque que a questão do sentido da vida implica dois aspectos, tais como a inteligibilidade da vida e o seu valor⁶. Porque para ele o sentido da questão mesma aponta para um auto-fundamento, que encontra em si mesma a razão de sua postulação e fundamentação ontológicas⁷. A questão do sentido e o sentido da questão leva a encontrar as razões da questão situada na sua mesma formulação.

Disso infere que segundo o nosso autor se segue uma ulterior pergunta, isto é, se é o homem que busca a pergunta ou a pergunta em questão que se impõe ao homem, dado que ele quer saber se o homem nessa medida é aquele que questiona ou é o questionado; o que vem a significar que é preciso saber se a questão pelo sentido é apriorística, que o homem é interpelado por ela ou se ele é

¹ J. ALFARO, *Ludwig Wittgenstein ante la cuestión del sentido de la vida (LWSV)*. In: «Gregorianum (Gr)», n. 67, 4 (1986), 693-744; em suas palavras: “Para superar las ambigüedades e imprecisiones del cuestionar humano es necesario partir, no del pensar pensante o pensado, sino de su reflejo en las formas concretas del lenguaje: el proceso va de *como el hombre habla a como piensa*, de los limites del hablar con sentido a los limites del pensar con contenido”(Cit., p. 693).

² J. ALFARO, *La cuestión del hombre y la cuestión de Dios*. In <<Estudios Eclesiásticos (EE)>> 56 (1981), 817-831; cit. 817).

³ IDEM, <<La cuestión del sentido y el sentido de la cuestión>>. In «Gregorianum (Gr)», 66 (1985), 387-403; cit. p. 387.

⁴ Cfr. Idem, p. 389.

⁵ Ibidem. Diz Alfaro: “*Pero al mismo tiempo, como llamada a hacerse, a ser más-sí-mismo a través de su vinculación a lo otro (el mundo) y a los otros hombres. Esta paradoja constitutiva del hombre, de ser sí mismo y de no poder serlo nunca plenamente, hace del hombre cuestión ineludible para sí mismo, inquietud radical insuperable de la existencia humana. Ya en la misma autoconciencia, primera y básica experiencia existencial, el hombre está marcado por la cuestión sobre sí mismo*”.

⁶ Idem, p. 394. E versa assim o seu texto: “*La cuestión del sentido de la vida implica dos aspectos: a) sí la vida es inteligible, es decir, si presente indicios, que permiten comprender su <<porque>> y <<para qué>>; b) sí la vida representa un valor capaz de Empeñar nuestra libertad. Sentido de la vida quiere decir pues inteligibilidad y valor, inseparablemente unidos*”.

⁷ Cfr. Idem, p. 390.

o ser questionado pela questão que ele é para si mesmo. E partindo dessa dedução Alfaro explica que isso acontece porque a existência humana se dá em referência a algo que vai além de si mesma e que não encontra em si a resposta final da questão que a estrutura⁸. E é dessa alocação dedutiva que o texto joga com os termos “dar sentido” e “ter sentido”, para significar que o homem busca conferir sentido a sua vida, mas um sentido que é já expresso no fundamento da mesma pergunta que está além das circunscrições intramundanas do homem⁹.

Dessa maneira, o homem não pode recusar de se conhecer e de saber os seus porquês, do seu sentido e da questão do seu sentido, por isso, se o homem quiser viver de maneira consciente e coerente, deve buscar o “porque” e o “para que” de sua mesma existência¹⁰. Por que somente o homem é questão para si mesmo, e, por isso, carrega consigo a questão do ser, dado que somente ele tem a experiência de seu próprio ser e do nada de si mesmo¹¹. E Alfaro esclarece que não se trata da questão da essência constitutiva do homem, mas da questão de sua mesma existência concreta, ou seja, trata-se das possibilidades abertas à decisão livre do homem e do futuro de sua esperança¹². Toda essa problematização do sentido da questão e da questão do sentido leva o nosso autor a afirmar que essa é uma realidade radical e, que o colocar da pergunta exige uma resposta que seja exauriente, pois não é evidente, porque é uma pergunta que empenha não somente a inteligência, mas também a liberdade¹³ e porque a questão do sentido final tem uma caráter totalizador, pois afeta as funções mais específicas da atividade humana e sua condição de imutabilidade e de imanência¹⁴.

3. A questão do homem em sua relação com o mundo

A todos nós compete humanizar, essa é uma tarefa que não podemos nos eximir, assim, o refletir do caminho que fazemos até a nossa realização é algo imprescindível, pois o coração de Deus se mostra em sua mesma maneira de agir para conosco no nosso caminho, como escreve um teólogo a respeito de Alfaro e de seus escritos¹⁵. E ele justifica dizendo que caminhar até o homem novo exige uma pastoral do sentir profundo, no âmbito de verdadeira vida comunitária e, sobretudo, orientando também para uma pastoral do intelecto¹⁶, onde o bom uso da vida comunitária em conjunto com o bom uso do intelecto leva a uma relação positiva com o mundo.

E é o mesmo Alfaro que nos diz como deve ser essa relação do homem com o mundo, ou seja, que na sua autorreflexão consciente ele se capta como ser, pois a partir do momento que se coloca a pergunta *quem sou eu?*, ele se reconhece no mundo e que a sua vida tem um sentido

“En su auto presencia de conciencia (en todo acto de pensar, decidir, hacer) el hombre vive la certeza de su propia existencia, que le impone la pregunta qué soy yo. La

⁸ Cfr. Idem, p. 396.

⁹ Cfr. Idem, p. 394.

¹⁰ J. ALFARO, *De la cuestión del hombre a la cuestión de Dios: Kant, Feuerbach, Heidegger (KFH)*. In «Gr», 63 (1982), 211-271, cit. p. 270). Assim se expressa o nosso autor: “*El hombre no puede renunciar a comprenderse, y para ello tiene que enfrentarse con la cuestión radical del <<porqué>> y <<para qué>> de su existencia*”.

¹¹ J. ALFARO, *KFH*, p. 255.

¹² Idem, p. 212.

¹³ Cfr. J. ALFARO, «La cuestión del sentido», p. 397.

¹⁴ Cfr. Idem, p. 396.

¹⁵ GARCIA-MURGA, J.R. *Un hombre según el corazón de Dios. Sobre la imagen del hombre a partir del tratado de Dios*. In «Estudios eclesiológicos (EE)» 64 (1989). 273-298, p. 273. Quando ele afirma que: “*Humanizar es una tarea que compete a todos. Reflexionar sobre el camino del hombre hacia Dios es una de las muchas contribuciones teológicas importantes del P. Alfaro. El corazón de Dios se desvela en su manera de actuar hacia nosotros*”.

¹⁶ Cfr. GARCIA-MURGA, J.R., p., 274.

formulación refleja de esta cuestión no es sino la expresión (en conceptos y palabras) de la experiencia vivida. La cuestión del sentido de la vida es pues apriorística, es decir, estructura ontológica permanentemente presente en el acto mismo de existir”¹⁷.

A relação do homem com o mundo, é, portanto, paradoxal, dado o homem existe no mundo e para o mundo, mas também está além do mundo e muitas vezes se contrapõe a ele, mesmo porque o homem está em constante transformação e mudança, como areia movediça, criando suas novas possibilidades e a natureza parece estática e fechada no seu mesmo processo; enquanto a natureza segue seu curso, o homem é descontínuo, a sua consciência e a sua liberdade estão criando novidades sempre e isso coloca esse mesmo homem, por muitas vezes, em confronto com o mundo no qual ele está situado¹⁸.

A dinâmica do relacionamento do homem com o mundo, apresenta-se, desse modo, com uma variedade de possibilidades, pois como espírito ilimitado, ele não se exaure na dinâmica do mundo, mas se abre ao absoluto¹⁹. Tudo isso porque a fidelidade do homem para consigo pede para ele levar até ao fim a questão do sentido da sua vida, o que significa que não basta ter certeza que a vida tem sentido, mas é preciso buscar de maneira aprofundada o que é esse sentido. Dito isso, o nosso autor se pergunta: onde e como buscar o sentido do sentido? E ele insinua que essa resposta não pode ser encontrada numa região parcial da vida humana, mas na totalidade de suas dimensões fundamentais e de sua experiência na vida cotidiana. O que Alfaro afirma é que o homem existe imerso no mundo, ameaçado pela morte, vinculado com outros homens e com a comunidade humana, situado na história e por isso ele não se realiza na dimensão intramundana e se abre ao devir²⁰.

O nosso autor é persuadido que o dinamismo da pessoa está orientado pela atração a um bem que seja capaz de arrasta-lo de maneira inexaurível, esse objeto do desejo do homem em relação ao seu fim faz com que ele supere os limites e as dinâmicas do mundo; a sua relação com o mundo é de pertença e de superação ao mesmo tempo. Alfaro ainda diz que os bens terrenos respondem aos seus desejos imediatos, mas cada homem carrega consigo uma ânsia que, por meio da inteligência e da liberdade, leva-o a ir além de si mesmo²¹. Dessa assertiva chegar à conclusão é bastante simples, ou seja, enquanto vivendo no mundo o homem é criatura e enquanto desejoso de realização ele é *divinizável*, pois a sua dimensão de criatura já se abre a uma capacidade de *deificação*. Assim, pela comunicação divina ao homem esse se diviniza e esse, por sua vez, comunica o seu legado ao mundo que ele se relaciona, divinizando esse também²². O homem, portanto, existe no mundo e acima do mundo. A sua relação é de interação, mas não de pertencimento completo.

O homem é desejoso de saber como o mundo é, de conhecer o enigma do mundo; simplesmente de conhecê-lo para conhecê-lo. Dessa sede de saber nascem e se escondem continuamente as grandes descobertas do progresso humano. No esforço de conhecer como o mundo é, diz Alfaro, o homem busca também conhecer a si mesmo, porque progredindo no conhecimento do mundo, ele

¹⁷ J. ALFARO, *La cuestión del sentido*, 394-5.

¹⁸ J. ALFARO, *La cuestión del hombre*, p. 824; “*La relación <<hombre-mundo>> se muestra paradójica. Por una parte, el hombre existe en el mundo y para el mundo, es decir, condicionado en su existencia y en toda su actividad por la naturaleza, y destinado a transformarla; por otra, existe frente al mundo, a saber: en una diversidad cualitativa que lo contraponen al mundo. Mientras a naturaleza permanece encerrada en las constantes de sus procesos, el hombre está ilimitadamente abierto al nuevo por venir, y por eso puede crear posibilidades siempre nuevas en la naturaleza misma. La raíz de esta diversidad trascendente del hombre respecto a la naturaleza está en su conciencia y en su libertad”.*

¹⁹ Cfr. LADARIA Luis F., *Naturaleza y Gracia. Karl Rahner y Juan Alfaro*. In <<Estudios Eclesiásticos (EE)>> 64 (1989), 53-70; 66.

²⁰ J. ALFARO, *La cuestión del hombre*, p. 823.

²¹ J. ALFARO, *Trascendencia y inmanencia de lo sobrenatural (NSN)*. In: *Gregorianum*, n. 38, 5-50, 1957, p. 35-36.

²² *Ibidem*, 40.

desenvolve as próprias capacidades de conhecer e agir e, desse modo, progride também no conhecimento de si²³. Assim sendo, a existência, não se exaure na consciência e na sua reação ao mundo. Na sua estrutura fundamental de “espírito encarnado”, cada homem é chamado à comunhão interpessoal com os outros²⁴. O que o nosso autor defende é que o homem não pode agir no mundo a não ser objetivando esse mundo pela sua própria subjetividade²⁵, em outras palavras, a ação do homem no mundo é de transformação, de mudança e de criação.

O homem, na sua relação com o mundo, vive um dinamismo de intersecção e de superação, pois ao mesmo tempo que ele pertence e interage com o mundo, ele o supera por meio da sua consciência reflexiva. Pelo fato do homem estar em constante busca e superação de si mesmo, ele não se contenta do que lhe é oferecido no mundo, ele aspira superar sempre a meta atingida²⁶. A esperança do homem no mundo acontece usando esse mundo na sua mesma transformação, e, o resultado, para Alfaró, a partir dessa ação adquire uma dimensão universal, pois o que o homem transforma pode servir para o uso de toda a humanidade²⁷. Essa superação acontece porque o homem é aberto ao infinito e essa sua dimensão leva a uma autoadoção que se reflete na sua relação com o mundo²⁸. Nosso autor defende que a pergunta mesma do homem sobre si e sobre a sua vontade que vai além do oferecido leva à pergunta sobre Deus, como o único possível capaz de oferecer-lhe a plenitude.

4. A questão do homem nas suas relações interpessoais

É um dado que o homem é um ser dotado de liberdade e de responsabilidade e, por isso mesmo, ele não é objeto, mas sujeito, não é mera natureza, mas pessoa²⁹. Um contemporâneo de Alfaró afirma ainda que Deus fala ao homem como pessoas, de tu a tu e isso ocorre somente ao homem e não aos outros seres, pois o ser humano, ainda continua ele, constitui-se como ouvinte e resposta idônea à palavra de Deus³⁰, ou seja, desde quando haja uma história da relação e uma continuidade do eu que se relaciona, isso infere em um modo de ser que vai além de ações pontualizadas, porque o “homem é um eu encarnado, que se percebe simultaneamente como carne animada ou como alma encarnada. O homem inteiro é alma e corpo, mas não como simples contiguidade”³¹.

Esse pensamento está em perfeita consonância com o que pretendemos nesse trabalho, isto é, mostrar que o homem está chamado a optar e realizar em função do novo, no futuro, pois ele é situado no presente, pergunta-se sempre sobre o enigma de sua origem no passado e sobre o que ainda não se mostra do futuro. E Alfaró diz que essa condição se funde em uma única questão complexa da existência humana, ou seja, *quem sou eu e qual o sentido da minha vida*³². Ele acrescenta que não se trata da questão da essência do homem, mas das possibilidades de sua existência.

É importante, portanto, dar-se conta da situação existencial do sentido da vida de cada pessoa, pois é uma questão que não se pode evitar, dado que estamos sempre interpelados por ela. Afirma o

²³ J. ALFARO, *Rivelazione cristiana, fede e teologia* (RCFT). Brescia: Queriniana 1986, p. 18.

²⁴ J. ALFARO, *Speranza cristiana e liberazione dell'uomo* (SCLU). Brescia: Queriniana, 1985³, p. 17.

²⁵ J. ALFARO, SCLU, p. 23.

²⁶ J. ALFARO, SCLU, p. 25.

²⁷ Idem, p. 191.

²⁸ J. ALFARO, *Persona y gracia* (PYG). In: Gregorianum, 42 (1960), 5-29; cfr., p. 8.

²⁹ Cfr. DE LA PENA, J. L., *Sobre el alma: introducción, cuatro tesis y epílogo*. In: «Estudios Eclesiásticos (EE)», 64 (1989), 377-399, cit., p. 387.

³⁰ Ibidem, 392.

³¹ Ibidem, 394.

³² J. ALFARO, *La cuestión del sentido*, p. 393.

nosso Autor que o homem existe como que marcado pela busca do sentido de sua vida e que talvez esse seja o traço mais característico da existência humana:

“El hombre lleva en sí mismo la cuestión del sentido de su vida; mejor dicho, es llevado por ella: existe radicalmente cuestionado y permanece siempre cuestión (la cuestión) para sí mismo, y por eso no podrá encontrar la respuesta (si la hay) sino más allá de sí mismo”³³.

A análise das relações interpessoais e da relação mútua da pessoa – comunidade, seguindo a lógica do pensamento aqui estudado, mostra que toda pessoa, pela força de sua dignidade, representa para os outros e para a comunidade, uma exigência incondicional de respeito e de amor, um valor que todos os outros estão chamados a reconhecer na atitude interior e na prática. Diz Alfaro que a liberdade de cada pessoa está incondicionalmente interpelada pelo valor da liberdade do outro para sair de si mesma até o valor do outro como pessoa³⁴.

Essa perspectiva de Alfaro leva a inferir que existe uma autotranscendência em toda liberdade humana, dado que o outro também está chamado a reconhecer o valor incondicional de meu ser pessoal. Desse modo, o valor da pessoa humana é um valor comum a todas as pessoas, que as une entre si e ao mesmo futuro, um valor que se impõe como tal e por isso mesmo transcende cada pessoa individualmente e a comunidade, e, segundo Alfaro:

“Es un valor que interpela la libertad como libertad y que revela así la orientación excéntrica de la libertad humana hacia un más allá de sí misma, es decir, hacia el centro común unificador de todas las libertades humanas. En estos caracteres propios de la persona humana se perfila la cuestión de su fundamento último, es decir, la cuestión del sentido de la libertad y de la existencia humana, en cuanto marcada por la libertad”³⁵.

O fundamento último da liberdade, desse modo, é uma “liberdade para”, e nela se encontra o centro das relações interpessoais, onde todos e cada um, encontra na própria liberdade o referencial para o encontro com o outro.

O nosso Autor decreta que a questão da intersubjetividade é o modo de coexistir de cada pessoa como abertura aos outros, assim, na compreensão da existência de cada um se encontra a compreensão da existência dos outros como coexistência³⁶. Ele prossegue em sua análise dizendo que o nada, em sua alteridade em relação aos entes, é o véu do ser, um véu que enquanto cobre o ser ao mesmo tempo o desvela, ou seja, “o ser não é algo estático, é algo que acontece, é o simples acontecer, um acontecer de pura iniciativa do mesmo ser, que acontece enquanto se descobre e se encobre”³⁷.

Esse compêndio de relacionamentos do homem com o mundo e consigo acontece em comunhão e em colaboração com os outros. A razão disso é que a vida humana é essencialmente convivência, um estar com os outros. A relação com o mundo influencia nas relações interpessoais e estas interferem na relação das pessoas com o mundo. Por isso Alfaro afirma que a transformação do mundo é ação de cada um e de todos, ou seja, de cada qual como membro da comunidade humana³⁸. Nessa linha é que se pode compreender bem quando ele diz que “a subjetividade humana é essencialmente intersubjetividade”³⁹.

Podemos então dizer que a comunicação da consciência das pessoas revela o caráter singular das relações interpessoais, porque nesse estado se dá um encontro de duas liberdades e desse encontro

³³ Idem, p. 822.

³⁴ J. ALFARO, *La cuestión de sentido*, p. 826.

³⁵ Ibidem.

³⁶ Idem, KFH, p. 246.

³⁷ Idem, p. 256.

³⁸ Idem, RCFT, p. 29.

³⁹ Idem, p. 30.

pode se revelar o aspecto mais humano da pessoa, a sua liberdade diante da liberdade do outro⁴⁰. Seguindo essa direção é que Alfaro diz que a comunidade, por ser uma comunhão de pessoas, não pode ser uma pessoa coletiva, porque, segundo ele, a consciência e a liberdade são realidades insubstituíveis e que não se somam entre pessoas. O que para ele significa que a categoria do coletivo implica um travejamento da pessoa e da comunidade⁴¹. As relações interpessoais interpelam a liberdade de cada um e do outro, um valor que possui características próprias segundo Alfaro, a saber: “é um valor comum a todos os homens; é um valor que transcende a pessoa e a comunidade; é um valor da liberdade como liberdade e para a liberdade enquanto liberdade”⁴². Uma liberdade que é voltada para fora, para o futuro, para uma construção em comum.

Então, as relações interpessoais colocam o homem situado entre o mundo e Deus, ou seja, na comunicação entre o mundo criado ao seu redor e seu Criador; as relações das pessoas entre si, do eu-tu, é uma extensão e um reflexo da relação eu-isso e eu-Tu, quer dizer, do olhar para dentro de si mesmo, “auto-possuindo-se”, mas também ao seu semelhante, para o outro, e ao Outro-Absoluto, como diz Alfaro⁴³; a pessoa, na sua esfera relacional, revela-se como espiritualidade e alteridade, isto é, auto possessão consciente orientada para um Outro-Infinito⁴⁴, porque a sua estrutura relacional não se acaba na relação intramundana e nem mesmo na relação intersubjetiva com outra pessoa, mas se abre verso um Tu, que é Totalmente Outro e Absoluto.

5. A morte e o sentido da vida

Na relação do homem com a morte a questão do sentido da vida alcança uma evidência peculiar e dramática também. Seguindo essa perspectiva Alfaro afirma que todos vivemos a experiência de que a morte coloca em questão o sentido da nossa vida como totalidade, e define ele:

“En la muerte, fin de nuestra existencia en el mundo, ¿qué nos aguarda?, ¿una vida nueva o un definitivo no-vivir-más? He aquí el dilema ineludible, en el que se decide el sentido o el-no-sentido de toda nuestra vida. La muerte cuestiona radicalmente el sentido de la vida humana, porque el hombre vive en cuanto aspira y espera, es decir, en cuanto su vida está sostenida por la esperanza sin límites, como condición de posibilidad de todas sus decisiones y acciones libres”⁴⁵.

Então, a questão da morte se coloca dentro das limitadas possibilidades do homem no mundo e na história e, assim, ela não pode ser resposta aos anseios do homem, porque ela é aniquilação da pessoa humana, fundamento definitivo do homem no nada. Mas Alfaro rebate que a caída do homem no nada implicaria o fracasso total do esperar que sustenta o homem em toda a sua vida. Desse modo, toda a série de esperanças, da qual o homem viveu no mundo, precipitaria com ele no vazio e se revelaria como ilusão fatal, ou seja, a vida inteira seria sustentada pelo nada, pelo vazio, pelo não-sentido⁴⁶ e, conseqüentemente, pelo absurdo.

A morte é aniquilação total e definitivo da pessoa, esse é um dado, esse é o fenômeno, o perceptível; a permanência do homem além da morte é apenas uma suposição, uma hipótese que faz bem à nossa esperança. O nosso autor criticando Feuerbach quando esse diz que com a morte o ser pessoal humano desaparece totalmente, absorvido e assumido na realidade absoluta da subjetividade

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ Idem, p. 34.

⁴² Idem, RCFT, p. 35.

⁴³ J. ALFARO, *Persona y Gracia*, p. 20.

⁴⁴ Idem, p. 22.

⁴⁵ J. ALFARO, *La cuestión del hombre*, p. 825.

⁴⁶ Cfr. Ibidem.

universal. E Feuerbach ainda acrescenta, diz ele, que somente antes da morte, e não na mesma morte, a morte é propriamente morte e dolorosa. Aqui a concepção que Alfaro critica é aquela próxima daquela dos epicuristas, isto é, que a morte é ‘presente quando eu não estou e quando eu estou ela não está’, ou seja, é um fantasma, ela está quando a pessoa já não está, assim, a morte não é essência, mas ausência, a ausência de vida, em si mesma é um nada, não tem realidade própria, é uma aniquilação de si mesma, morte de si⁴⁷. E por isso Alfaro se questiona se diante do evento morte a pessoa pode deixar de se perguntar sobre o que cabe esperar além da morte, já que essa (a morte) é sempre minha⁴⁸.

Sendo de modo insubstituívelmente minha, a morte não é somente um drama, mas ela é também exaurimento ou decepção da minha existência. Assim, a relação do homem com a morte não é somente no evento morte, mas no seu cotidiano, esse tem o que fazer sempre com o fator morte, ou seja, ausência, privação, aniquilação. Alfaro costuma escrever que cada pessoa tem de assumir a morte pessoalmente, pois essa “está ontologicamente constituída por meu ‘ser eu mesmo’”⁴⁹. O que ele quer dizer é que a morte é a possibilidade mais piedosa do homem, porque nela ele tem a possibilidade de não existir mais, o que situa cada pessoa na solidão e no isolamento radical, dado que o priva de todo tipo de recurso. Ele ainda diz que é uma possibilidade insuperável porque diante da morte o homem se encontra absolutamente incapaz de fugir dela e não sobra outra alternativa que aquela trágica de renunciar-se a si mesmo⁵⁰. Sendo assim é possibilidade certa e indeterminada. Partindo desses pressupostos, faz-se lógica a dedução que a morte sendo constitutiva da pessoa ela define essa pessoa como “ser para a morte”, como diria Heidegger ou como ser para o fim, isto é, que a existência humana e sua compreensão dependem do que seja esse fim da pessoa, se é um aniquilamento total, um entrar no vazio absoluto, um definitivo deixar de ser ou se é um deixar de existir no mundo para uma sobrevivência desvinculada da relação atual do homem com o mundo⁵¹. A questão é se a morte carrega consigo o desaparecimento total da pessoa ou se permanece algo que vale a pena ele lutar e esperar para além desse mundo.

A presença do homem no mundo constitui, uma concretização das possibilidades escondidas na natureza, a que leva a resultados que a natureza sozinha não poderia alcançar, tanto do ponto de vista positivo quanto naquele negativo também. Desse modo, o devir histórico alcança o seu significado no homem enquanto adquire por meio dele a sua configuração suprema, ou seja, uma abertura ilimitada ao futuro⁵². Dessa perspectiva, o que significa a palavra “fim” e o que é também a “vida humana”? A reflexão sobre o sentido último da vida na relação «homem – mundo» e nas relações interpessoais nos mostraram que a vida humana é fundamentalmente consciência e liberdade, uma liberdade assinalada pela responsabilidade e sustentada pela esperança.

Alfaro chama essa liberdade consciente de “esperança – esperançosa”, isto é, a pergunta “o que posso esperar?”, tem o seu ponto crítico quando colocada em confronto com a morte, porque, segundo ele, a esperança humana voltada para o futuro como projeto vital, rala-se no muro da morte e daí surge o lema existencial, quer dizer, ou esperar somente nos limites do aquém da morte ou esperar ilimitadamente, além da morte. Então se o homem quiser se compreender deverá se interrogar sobre a morte e essa não é uma pergunta e nem uma realidade banal⁵³.

A experiência antecipada da morte está presente na essência do sujeito humano, na consciência de si mesmo jamais plenamente realizada, sempre necessitada do outro, do mundo e dos outros homens;

⁴⁷ Idem, KFH, p. 224.

⁴⁸ Idem, p. 225.

⁴⁹ J. ALFARO, KFH, p. 241.

⁵⁰ Cfr. Idem, p. 242.

⁵¹ J. ALFARO, KFH, p. 244.

⁵² Idem, RCFT, p. 18.

⁵³ Idem, p. 39.

é assim a experiência da sua insuperável insuficiência, do seu não ser auto fundante e, portanto, da possibilidade não suprimível do não viver mais⁵⁴.

A presença da morte suscita no homem a experiência da própria pobreza total, da própria incapacidade de salvar-se ao interno do horizonte intramundano e da sua constitutiva solidão pessoal. A aceitação da morte como chamado de Deus implica o mais autêntico ato de fé, porque o homem perante a morte não tem outro apoio do que a palavra de Cristo. A presença contínua da morte na vida humana requer do cristão uma fé autêntica, na aceitação contínua da morte, como participação ao mistério da morte e da ressurreição de Cristo⁵⁵.

A morte coloca o homem concretamente de frente ao interrogativo último sobre si mesmo, que é o interrogativo sobre o seu futuro. O “ser para a morte” coloca em questão todo o significado da existência porque lhe confere um caráter irreversível e, de consequência, a relativiza substancialmente⁵⁶.

O homem ferido de morte, atingido no seu mais profundo limite e na sua contingência, experimenta uma existência fragmentada, quase naufragada, que não encontra em si mesma o seu fundamento e a sua razão de ser⁵⁷.

6. Conclusão

Qual o verdadeiro sentido da vida do homem? Como ele pode viver os seus relacionamentos consigo mesmo, com o mundo, com os outros e com o transcendente sem cair numa atitude de submissão, de domínio ou de aniquilamento? Diz Alfaro que o homem, no conjunto indiviso de sua relação ao mundo, à morte, aos outros e à história, vive a experiência de sua liberdade como incondicionalmente responsável e como impulsionada pela esperança radical ilimitada. Na sua responsabilidade, a liberdade humana se revela como não fundada em si mesma; no seu esperar ilimitado se revela como transcendente em relação a si mesma, ao mundo e à história. O nosso autor afirma, assim, que a tensão insuperável entre a contingência e a transcendência do homem fazem dele questão, pergunta para si mesmo. A questão de seu fundamento originário e de seu futuro são dois aspectos dessa questão, que na sua abertura culmina na questão sobre Deus⁵⁸.

Dito isto, podemos então concluir que todo objetivo alcançado pelo homem na sua atividade em busca da transformação da natureza é sempre um novo começo de outros eventos sucessivos, porque o homem supera sempre as suas conquistas e isto é fruto da sua liberdade e da sua estrutura aberta a um novo horizonte e também sempre limitado⁵⁹. Então, a dimensão transcendental do homem tem lugar na sua mesma dimensão mundana, ou seja, a sua capacidade de superar os outros seres acontece pela sua relação com esses outros seres, aos quais lhes oferece compreensão, abertura, desenvolvimento e possibilidades futuras⁶⁰.

Tudo isso nos leva a acreditar que o que mais manifesta a grandeza da pessoa seja a sua impossibilidade de ser aperfeiçoada com a realidade finita, ou seja, a natureza tende a possuir o Infinito⁶¹; desse ponto se percebe que a sua tendência principal não é o medo e sim a “esperança

⁵⁴ Idem, RCFT, p. 40.

⁵⁵ Idem, p. 103

⁵⁶ Cfr. J. ALFARO, SCLU, p. 17.

⁵⁷ J. ALFARO, SCLU, p. 18

⁵⁸ J. ALFARO, *La cuestión del hombre*, p. 829.

⁵⁹ Cfr. J. ALFARO, KFH, p. 227.

⁶⁰ Idem, p. 253.

⁶¹ J. ALFARO, NSN, p. 34.

esperançosa”, porque mesmo o medo de não viver mais busca e pressupõe o desejo de viver, de esperar⁶². O homem, portanto, na sua ilimitada busca de ser a si mesmo e de construir a história, percebe-se interiormente chamado a um desejo cuja realização ultrapassa suas mesmas capacidades; vivendo nesse dilema entre o mundo ao seu redor e sua aspiração de infinito que o homem coloca na esperança⁶³ e, de consequência, em Deus -como garantia da sua esperança-, o seu futuro como possibilidade de eternização.

Assim sendo, o futuro da esperança e o futuro do futuro⁶⁴, não é o horizonte vazio e distante de uma esperança cega, mas a possibilidade de enchimento de todas as aspirações profundas da pessoa; o homem adquire o sentido da sua vida e o sentido do mesmo sentido na sua relação com o mundo, com a história, com as outras pessoas e, na sua abertura⁶⁵ sem prejuízos, à esperança e à comunhão filial com o Absoluto.

7. Bibliografia

ALFARO, Juan. *La cuestión del sentido y el sentido de la vida*. In: *Gregorianum* (Gr), n. 66, (1985), 387-403.

_____, *La cuestión del hombre y la cuestión de Dios*. In <<Estudios Eclesiásticos (EE)>> 56 (1981), 817-831.

_____, *De la cuestión del hombre a la cuestión de Dios*. Salamanca: Ed. Sígueme, 1989².

_____, *De la cuestión del hombre a la cuestión de Dios: Kant, Feuerbach, Heidegger (KFH)*. In <<Gr>>n. 63 (1982), 211-271

_____, *Trascendencia y inmanencia de lo sobrenatural (NSN)*. In: *Gregorianum*, n. 38, (1957), 5-50.

_____, *Persona y gracia (PYG)*. In: *Gregorianum*, n. 41 (1960), 5-29.

_____, *La dimensión trascendental en el conocimiento humano de Dios según S. Tomas*. In: <<Gr>>, n. 55, (1974), 639-675.

_____, *Ludwig Wittgenstein ante la cuestión del sentido de la vida*. In <<Gr>>, n. 67, 4 (1986), 693-744.

_____, *Speranza cristiana e liberazione dell'uomo* (SCLU). Brescia: Queriniana, 1985³.

_____, *La cuestión del sentido y el sentido de la vida*. In: <<Gregorianum>>, n. 66, (1985), 387-403.

_____, *Hacia una teología del progreso humano*. Barcelona: Herder, 1969.

_____, *Rivelazione cristiana, fede e teología (RCFT)*. Brescia: Queriniana, 1986 (Revelación Cristiana, fe y teología. Salamanca: Sígueme, 1985).

_____, *Esistenza Cristiana*. Roma: EPUG, 1996.

DE LA PENA, J. L. *Sobre el alma: introducción, cuatro tesis y epilogo* (Estudios Eclesiásticos (EE), 64 (1989), 377-399.

FORTE, Bruno. *À escuta do outro*. São Paulo: Paulinas, 2003.

GARCIA-MURGA, José Ramon. *Un hombre según el corazón de Dios. Sobre la imagen del hombre a partir del tratado de Dios*. In <<Estudios eclesiásticos (EE)>> 64 (1989), 273-298.

LADARIA, Luis F., *Naturaleza y Gracia. Karl Rahner y Juan Alfaro*. In <<Estudios Eclesiásticos (EE)>> 64 (1989), 53-70.

⁶² J. ALFARO, RCFT, p. 42\43.

⁶³ J. ALFARO, SCLU, p. 29.

⁶⁴ Cfr. MONTAIGNE, Michel. *Journal de voyage*. Paris: Gallimard, 1983.

⁶⁵ J. ALFARO, SCLU, p. 180.

A pergunta sobre o sentido da existência – Jorge Ribeiro de Sousa

MAGNANI, Giovanni, *Filosofia della religione*. Roma: EPUG, 1993.

MONTAIGNE, Michel. *Journal de voyage*. Paris: Gallimard, 1983.

PALUMBIERI, Sabino. *L'uomo meraviglia e paradosso*. Roma: UUP, 2006.